PUC Minas
E&G Economia & Gestão
ISSN 1984-6606

ALIANÇAS ESTRATÉGICAS: UMA PROPOSTA DE REVISÃO SISTEMÁTICA DOS AVANÇOS NO CAMPO DE ESTUDOS ENTRE 2006 E 2016

STRATEGIC ALLIANCES: A PROPOSAL FOR A SYSTEMATIC REVIEW OF ADVANCES IN THE FIELD OF STUDIES BETWEEN 2006 AND 2016

Cassimiro de Freitas Rodrigo
PUC Minas e Universidade Federal de Lavras – MG
rodrigocassfreitas@gmail.com

Bruna Habib Cavazza
Universidade Federal de Lavras – MG
brunacavazza@gmail.com

Valderí de Castro Alcântara
Universidade Federal de Lavras – MG
valderidecastroalcantara@gmail.com

Mozar José de Brito
Universidade Federal de Lavras – MG
mozarjdb@dae.ufla.br

Submissão: 14/10/2018
Aprovação: 04/12/2018

RESUMO

Esse trabalho ambiciona compreender os principais avanços no campo de estudos que aborda as Alianças Estratégicas Interorganizacionais. Para atender a essa inclinação toma-se como orientação os pressupostos da investigação meta-analítica com base em um processo de revisão sistemática de literatura. Para amparar teoricamente o trabalho são discutidos eixos teóricos que tratam das relações interorganizacionais, das relações de cooperação entre empresas e das alianças estratégicas. O processo metodológico foi conduzido a partir de uma revisão sistemática meta-analítica, que se debruçou sobre o tema Alianças Estratégicas. Nesse percurso, procederam-se buscas na base de dados *Web of Science*. Foram adotados critérios de seleção, o que permitiu reduzir a amostra de 676 para total de 25 artigos completos. Esses documentos foram analisados em duas etapas, a saber, a primeira bibliométrica e descritiva; a segunda semântica com suporte da análise de conteúdo quantitativa. Os resultados dessa pesquisa sinalizam para uma diversificação do campo de estudos, quanto aos aspectos demográficos e às implicações produzidas pelos artigos abordados.

Palavras-chave: Alianças Estratégicas. Revisão Sistemática. Meta-análise. Relações Interorganizacionais. Cooperação.

ABSTRACT

This work aims to understand the main advances in the field of studies that addresses the Strategic Alliances Interorganizational. To meet this inclination, the assumptions of meta-analytical research are based on a systematic literature review process. In order to theoretically support the work, theoretical axes are discussed that deal with interorganizational relations, cooperation relations between companies and strategic alliances. The methodological process was based on a systematic meta-analytical review, which focused on the theme Strategic Alliances. In this course, we searched the Web of Science database. Selection criteria were adopted, which allowed to reduce the sample to 676 for a total of 25 complete articles. These documents were analyzed in two stages, namely the first bibliometric and descriptive; the second semantics supported by quantitative content analysis. The results of this research point to a diversification of the field of studies, regarding the demographic aspects and the implications produced by the articles.

Keywords: Strategic Alliances. Systematic review. Meta-analysis. Interorganizational Relationships. Cooperation.

1 Introdução

Os relacionamentos entre as organizações têm forjado um campo de estudos em amplo desenvolvimento nas últimas décadas. Compreender a dinâmica na qual determinadas organizações se integram em Alianças Estratégicas e as relações interorganizacionais envolvidas têm despertado interesse na comunidade acadêmica e no ambiente organizacional como um todo. A adoção da abordagem de rede de parcerias estratégicas, os processos que estimulam o seu surgimento, a estrutura, o conteúdo das relações, a gestão de relacionamentos, o poder, a interdependência, as vantagens e desvantagens dessa perspectiva e os resultados práticos alcançados são temas que vêm recebendo atenção de estudos teóricos e empíricos sobre esse constructo

Cientistas organizacionais têm investigado aspectos teóricos estruturais, onto-epistêmicos, filosóficos e históricos que contribuíram para os estudos sobre Alianças Estratégicas e as relações inerentes aos atores diretamente e indiretamente envolvidos.

Essa proposta investigativa pretende mapear o campo de estudos que tratam das relações interorganizacionais de cooperação no âmbito das alianças estratégicas por meio dos procedimentos meta-analíticos de uma Revisão Sistemática de Literatura. Parece adequado argumentar que as técnicas utilizadas para realização de revisão sistemática colaboram no fortalecimento do corpus teórico e metodológico no âmbito das mais variadas ciências e suas temáticas, em particular, os estudos organizacionais.

Além disso, postula-se que estudos com essas características são indutores de aperfeiçoamento teórico e metodológico das ciências, pois por meio deles é possível identificar e nomear as limitações de teorias e procedimentos metodológicos, como também propor modelos teóricos inovadores para responder questionamentos que obtiveram respostas insuficientes sobre as relações e características de determinado objeto de estudo (CARLSON & JI, 2014).

Esse processo de geração de saberes fundamenta-se também em lacunas e aproximações teórico-metodológicas, e pode se tornar moroso ao considerar que fragmentos da reflexão sobre um objeto se encontram desconectados e ilhados em função de aspectos geográficos, temporais ou mesmo concentrados em áreas do conhecimento comuns, que não estabelecem diálogos constantes (HOON,2013). As metodologias de meta-análise podem acelerar e prover resultados

consistentes na geração de saberes e na consolidação de teorias sobre determinados fenômenos da realidade a partir de estudos baseados em Revisões de Literatura Sistemática.

A finalidade desse trabalho consiste descrever o atual Estado da Arte do que tem sido estudado a respeitos dos relacionamentos e parcerias estratégicas, como também ambiciona-se identificar correntes de pensamento e caracterizá-las. Além disso, acredita-se na possibilidade de identificar as principais aproximações, interlocuções e fatores irreconciliáveis entre as tradições dos estudos sobre Alianças Estratégicas, mais especificamente das relações interorganizacionais de cooperação adotadas pelas empresas em um cenário de rede. Adicionalmente, aspectos epistemológicos devem ser analisados considerando que podem emergir modelos teóricos complementares ou inéditos que se assemelham ou diferem dos fundamentos epistemológicos que amparam a pesquisa e podem interferir na Revisão Sistemática de caráter quantitativo e qualitativo.

Para atender aos objetivos dessa investigação será procedida uma Revisão de Literatura Sistemática baseada na técnica de Meta-Análise com direcionamento quantitativo bibliométrico e qualitativo com vistas a verificar, além do volume de trabalhos produzidos descritivamente, também as características dos conteúdos contidos nas investigações na última década em bases de dados internacionais, a *Web of Science*, mais especificamente no intervalo de 2005 a 2015.

Existem diversas correntes de pensamento que se debruçam sobre o tema abordado. No âmbito das disciplinas da Economia Aplicada, teorias ortodoxas com a Teoria dos Custos de Transação, apontam que os comportamentos entre e dentro das organizações são pautados pela racionalidade perfeita, baseada em uma análise estrutural das relações de mercado e auto-ajustes dinâmicos. No entanto, pelo que se percebe, o campo dos estudos organizacionais tem contra-argumentado e refutado bases dessas teorias, argumentam que existem outros fatores que não são contemplados em uma análise funcionalista (BARNEY; HESTERLY, 2004).

Apesar de várias teorias que se orientaram para objetivos distintos aqui levantados em alguns artigos seminais e academicamente relevantes (BARNEY; HESTERLY, 2004; MA, 2004; BALESTRIN; VARGAS; FAYARD, 2005; NORDIN, 2006; PEREZ; MARTINEZ, 2006; VALE; LOPES, 2010; AHUJA; SODA; ZAHEER, 2012; LACOSTE, 2012) suas descobertas tocam comumente nas imbricações das relações estratégicas em redes e o questionamento sobre seu propósito de surgimento, desenvolvimento e dissolução.

As relações observadas entre organizações e instituições podem recorrer aos estudos com caráter econômico e/ou sociológicos com maior ou menor direcionamento estratégico, enquanto campo de estudos. Acredita que as redes são essencialmente sociais e intersubjetivas, nas quais os laços e vínculos são baseados em cooperação, interdependência, altruísmo, confiança, compartilhamento de recursos, poder e informação em relacionamentos de longo prazo e com finalidade estratégica (POWELL, 1990). A partir desses marcadores teóricos serão procedidas as pesquisas que relacionam as relações de cooperação estabelecidas entre empresas no contexto de alianças estratégias.

2 Cooperação e competição nas alianças estratégias

Esse tópico do trabalho versa sobre os fundamentos teóricos que subsidiaram a discussão apresentada. Para isso serão abordados os debates sobre a Teoria de Redes e Relações Interorganizacionais, os comportamentos de cooperação e competição em redes, como também o que se compreende sobre as alianças estratégicas firmadas entre agentes empresariais.

2.1 Teoria de Redes e as Relações Interorganizacionais

A adoção dos relacionamentos estratégicos em redes pelas organizações, assim como os processos que estimulam o seu surgimento, a estrutura constitutiva, o conteúdo das relações, o formato de gestão de relacionamentos, o poder, a interdependência, as vantagens e desvantagens dessa perspectiva, como também os resultados práticos alcançados são temas que

vêm recebendo atenção de estudos teóricos e empíricos sobre esse constructo (GRANOVETTER, 1973; POWELL, 1990; BURT, 1992; NOHRIA, 1992; PERROW, 1992; GRANDORI; SODA, 1995; HATCH, 1997; TIGRE, 1998; BENGTSON; KOCK, 1999; EIRIZ, 2001; BRITTO, 2002; BARNEY; HESTERLY, 2004; MA, 2004; BALESTRIN; VARGAS; FAYARD, 2005; NORDIN, 2006; PEREZ; MARTINEZ, 2006; LIMIEUX; OUIMET, 2008; VALE; LOPES, 2010; AHUJA; SODA; ZAHEER, 2012; LACOSTE, 2012).

O eixo discursivo comum desses estudos está direcionado para a busca de compreensão das principais dimensões dessas relações e suas implicações no campo teórico e no campo organizacional. Existem imbricações entre os estudos de Barney e Hesterly (2004), Hatch (1997) e Tigre (1998) que são significativamente complementares ao analisar os principais fundamentos das relações interorganizacionais, ou seja, como e com que finalidade elas se relacionam, apesar da complexidade de colocar todas as abordagens em uma mesma esteira de análise, pois os estudos partem de perspectivas argumentativas distintas.

Teorias ortodoxas da economia advogam que os comportamentos nas organizações são pautados pela racionalidade perfeita, baseada em uma análise estrutural das relações de mercado e auto-regulação da mão-invisível. No entanto, pelo que se percebe, o campo dos estudos organizacionais tem recebido contra-argumentações que refutam essas teorias e que existem outros fatores que não são contemplados na análise funcionalista (BARNEY; HESTERLY, 2004).

Dito isso, a relação entre organização e ambiente pode ser interpretada considerando visões modernas, simbólicas ou pós-modernas (HATCH, 1997). Em uma perspectiva moderna estruturalista, a realidade, o ambiente organizacional e seus fenômenos estão determinados por forças estruturais que definem as relações que serão estabelecidas. Ou seja, ainda que tenham o mesmo foco (o fundamento das relações interorganizacionais), Hatch (1997) discute essas relações do ponto de vista da evolução do pensamento em uma perspectiva histórico-filosófica.

A teoria neoclássica tentou explicar porque as organizações que se encontram acima do desempenho seriam protegidas por barreiras artificiais, mas isso não é suficiente para explicar por que algumas superam as outras aglomeradas ou não. Em outras palavras, o fenômeno é diverso e tentar compreendê-lo por apenas uma perspectiva é altamente perigoso considerando que vários fatores atravessam o campo de estudos. O surgimento e desenvolvimento dessas redes, para Ahuja, Soda e Zaheer (2012), devem ser entendidos pelas dimensões dos processos microdinâmicos de concentração e grupabilidade, pelos aspectos primários como nós, laços e estrutura da rede, os microfundamentos ambientais que promovem o seu surgimento e, finalmente, a arquitetura da rede que envolve, por exemplo, a centralidade, as limitações geográficas, o nível de distribuição dos laços, a densidade e o nível de associatividade nas redes.

Ahuja, Soda e Zaheer (2012) desenvolveram, também, o argumento sobre o papel do tempo no desenvolvimento das redes de colaboração e dos resultados que podem ser observados em séries históricas. Esses autores apontam que existem poucas pesquisas que relacionam os resultados da rede com a dimensão do tempo, considerando que há, então, significativa relevância sobre o papel do tempo nas relações entre arquitetura e resultado nas redes. Na visão de Granovetter (1973), um fator interessante seria investigar o papel do tempo na geração, dissolução, fortalecimento e enfraquecimento dos laços e o seu impacto na rede e se existiriam laços negativos do ponto de vista dos resultados.

Powell (1990), adicionalmente, aborda com olhar antropológico o fenômeno da formação das redes e argumenta que elas podem ser compreendidas como alternativas para as hierarquias empresariais e as estruturas de governança baseadas no mercado. Para isso, o autor trata do assunto mais próximo dos estudos e formatos de redes sociais apontados por Grandori e Soda (1995). Powell (1990) defende que as redes são essencialmente sociais e intersubjetivas, nas quais os laços e vínculos são baseados em amizade, interdependência, altruísmo, compartilhamento de recursos, poder e informação em relacionamentos de longo prazo. O

mesmo autor afirma que esse formato de relações interorganizacionais em redes é apropriado para economias regionais, atividades artesanais, alianças e parcerias estratégicas, como também desagregações verticais.

Apesar da variabilidade de objetivos de pesquisa das discussões apresentadas, suas descobertas tocam comumente nas imbricações das relações interorganizacionais em redes e o questionamento sobre seu propósito de surgimento, desenvolvimento e dissolução.

A investigação seminal de Grandori e Soda (1995), por exemplo, revisa e organiza a vasta literatura sobre redes de empresas, com objetivo de avaliar os principais e atuais formatos de rede, os mecanismos de suporte e as principais variáveis que têm interferido no seu surgimento e nos seus moldes. O foco da análise são as organizações como unidades coordenadas e interdependentes em redes com mecanismos de integração (GRANDORI; SODA, 1995). Os mesmos autores orientam-se para uma revisão no campo das ciências sociais, baseada nas abordagens sociológicas e psicossociais, com a finalidade de compreender comportamentos e relações nas redes, ao contrário da pauta puramente de transações de bens e mercadorias, discutidas, por exemplo, pelo trabalho de Barney e Hesterly (2004).

As redes organizacionais consistem em uma forma de regulação da interdependência entre organizações pela coordenação e cooperação, com a finalidade de alcançar resultados por meio das condições de mercado. Os atributos dessas redes são prioritariamente processuais e estruturais na interpretação desses autores. Em relação aos formatos de redes interorganizacionais adotados e tratados pelos autores, o que importa destacar se eles estão formalizados ou não, centralizados ou não, baseados em paridade de poder, como também a definição dos principais mecanismos de coordenação organizacional (GRANDORI; SODA, 1995).

Diante disso, torna-se relevante destacar os relacionamentos de cooperação e competição estabelecidos entre e por essas organizações em rede com fundamento de elucidar a formalização das alianças estratégicas concebidas nesses cenários.

2.2 Cooperação e Competição nas Redes de Empresas

As organizações que optam por relacionamentos cooperativos alcançam retornos não econômicos para atuar setorialmente e/ou globalmente, a partir disso, desdobram-se outros modelos de comportamento baseado em ganhos mútuos. É nesse sentido que essa seção abre discussões sobre o que garante os comportamentos cooperativos em redes de colaboração empresarial e quais são as principais alianças que são desenvolvidas baseadas em uma orientação estratégica

Ao que parece, a lógica dos comportamentos empresariais esteve historicamente marcada por uma visão mercantilizada. Em geral, os jogos competitivos de soma-zero são corriqueiramente implementados nesses relacionamentos, nos quais a competitividade é a palavra de ordem.

Vários estudiosos se interessaram em compreender as relações de cooperação entre organizações como formas alternativas de sobrevivência das organizações. O histórico desse interesse não é recente, alguns trabalhos seminais ganharam vulto e corporificaram o que se denomina hoje por relações interorganizacionais de cooperação, o trabalho de Granovetter colaborou sobremaneira para esse campo de estudos (VALE &LOPES, 2010).

Várias teorias podem ser apontadas como colaborações genuínas para o campo de estudos, embora algumas delas estivessem preocupadas com outros processos organizacionais. Discutem-se, detalhadamente, os pontos de convergência, as abordagens das teorias militares; teoria dos jogos; teoria dos custos de transação; posicionamento e poder de mercado; abordagem das redes sociais; teoria baseada em recursos; abordagem do aprendizado com o campo de estudos da cooperação organizacional (VALE &LOPES, 2010).

Em geral, o desenvolvimento das relações de cooperação entre empresas inicia-se em uma relação entre duas organizações e se espalha pelas demais. A cooperação é realizada por iniciativas explícitas de empresas que buscam benefícios mútuos ou também para ampliar o crescimento econômico de determinada área produtiva (EKLINDER-FRICK; ERIKSSON; HALLÉN, 2012).

Existem vários antecedentes que podem ser apontados como incentivadores para relacionamentos de cooperação entre organizações, tanto em cenários horizontais quanto verticais. Ou seja, cooperação entre atores relacionados em um mesmo nível da cadeia produtiva, como também relações entre fornecedores e compradores.

Brito (2002), Lacoste (2012) e Ma (2004) exploram profundamente as dimensões dos comportamentos cooperativos e competitivos, cada qual com a sua finalidade de apresentar uma abordagem para retratar como esses fenômenos se desenvolvem no ambiente organizacional.

Além disso, conceituar relações cooperativas demanda um esforço intelectual para definir quais são as dimensões desses comportamentos. Um questionamento recorrente pousa sobre a interlocução de comportamentos cooperativos em cenários hipercompetitivos, ou seja, como esses comportamentos podem coexistir e solidificar as relações de confiança?

Argumenta-se que existem hibridizações entre comportamentos colaborativos e competitivos coexistindo nas redes interorganizacionais verticais ao destacar o surgimento da Coopetição (LACOSTE, 2012). O termo Coopetição surgiu na década de 1980, ao debruçar-se nos estudos sobre relacionamentos que envolviam comportamentos cooperativos e competitivos entre organizações, porém o crescimento dos estudos que abordam esse fenômeno se tornou mais expressivo somente após o trabalho de Brandenburger e Nalebuff (1995), com a Teoria dos Jogos remodelada, que insere novos aspectos nos cenários de incerteza empresarial. Tomando as relações entre pequenas organizações, a relação vertical poderia ser compreendida nos vínculos entre ofertadores e consumidores e os principais intermediários.

Há razões que levam empresas intermediárias a coopetir com seus parceiros, a análise se baseia na cooperação como forma de otimizar a criação de valor empiricamente entre eles, assim como os relacionamentos baseados em competição produzem eficiência e eficácia nas relações estabelecidas entre esses agentes (LACOSTE, 2012). Sinaliza-se também para os aspectos que interferem nos comportamentos cooperativos e competitivos nas redes de empresas e, principalmente, a geração de confiança ao longo do tempo (AHUJA; SODA; ZAHEER, 2012).

A pauta das investigações não se direciona a verificar profundamente as condições de equilíbrio das relações na rede, a autora abandona essa perspectiva a perspectiva polarizadas dos comportamentos cooperativos versus competitivos e desafia deliberadamente a postura normativa desses estudos. Lacoste (2012) aponta que outro fator determinante para desequilíbrios significativos entre os comportamentos competitivos e cooperativos se dá em função daquilo que está em jogo, ou seja, o objeto da relação.

Os vínculos estabelecidos entre os atores tanto em cenários horizontais quanto verticais possibilita compreender como são construídas as principais relações de cooperação/competição e as principais alianças construídas. Adicionalmente, Barney e Hesterly (2004) argumentam que as formas de cooperação mais comuns entre as firmas são os acordos implícitos e as alianças estratégicas.

2.3 Alianças Estratégicas Interorganizacionais

As alianças estratégicas surgem como forma de cooperação economicamente viável entre as organizações. Os tipos mais comuns de alianças estratégicas são as contratualizações e as joint ventures.

A aliança estratégica contratual, por um lado, consiste em uma relação regida e gerenciada por contrato com objetivo de desenvolver, projetar, produzir, comercializar ou

distribuir produtos ou serviços, o objetivo dessas alianças estratégicas almeja aumentar a atividade socioeconômica das organizações envolvidas. Por outro lado, as Joint ventures, por exemplo, possuem os mesmos objetivos destacados, porém elas envolvem a criação de uma nova firma para gerenciar a relação interorganizacional, o que não ocorre nas alianças estratégicas simples (BARNEY; HESTERLY, 2004).

As alianças podem ser uma resposta estratégica para mitigar e administrar incertezas competitivas e recursos interdependentes. Vista dessa forma, Barney e Hesterly (2004) e Eiriz (2001) concordam que o tamanho das organizações define a qualidade das alianças estratégicas. Em outras palavras, organizações maiores estabelecem relações com parceiros adequadamente posicionados, o tamanho delas tanto do ponto de vista das operações quanto financeiro-econômico, também, designa quem orienta e conduz os relacionamentos.

Os incentivos para cooperar por meio de alianças estratégicas resumem-se em explorar fontes complementares de economias de escala, facilitar a entrada com custo reduzido em novos mercados ou desenvolvimento de novos produtos, administrar incertezas estratégicas, administrar custos e compartilhar riscos (BARNEY; HESTERLY, 2004). Por outro lado, os incentivos para trapacear em alianças estratégias consistem em três formas básicas: a) trapaça por seleção adversa, na qual a aliança é superavaliada; b) trapaça por risco moral na qual uma das partes não integraliza a sua parte de contribuição na aliança; e a c) trapaça por roubo na qual uma parte explora a outra. Vale considerar que as formas para inibir esses comportamentos estão baseadas na confiança e governança. Em relação à governança, quanto maior for a possibilidade de incentivo à trapaça, melhor elaborada deve ser a estrutura para inibir essa trapaça e, consequentemente, será mais custoso economicamente trapacear. Com o tempo, os parceiros desenvolvem confiança e as formas elaboradas e dispendiosas de governança podem ser abandonadas.

Eiriz (2001) avança na discussão das alianças estratégicas, ao posicionar que, embora algumas correntes acreditem que qualquer tipo de relação de cooperação consiste em uma aliança estratégica, essa última tem contornos bastante específicos. A compreensão sobre uma aliança estratégica requer, de fato, uma relação interorganizacional de cooperação, na qual duas ou mais organizações aliam esforços e recursos para alcançar determinados objetivos (EIRIZ, 2001). Entretanto, essa relação necessariamente requer direcionamento estratégico para ambas as partes envolvidas. Dessa forma, "[...] uma aliança estratégica é uma forma de organização das atividades dos parceiros que envolve um maior grau de integração do que outras formas de cooperação" (EIRIZ, 2001, p. 67). Isso quer dizer que aqueles comportamentos cooperativos, desprovidos de interesse estratégico, não poderiam ser considerados alianças estratégicas, logo, nem todo relacionamento cooperativo consiste em uma aliança estratégica.

As alianças estratégicas podem ser categorizadas em domínios de cooperação comercial, técnico/produção e financeiro, nessa lógica existem várias outras combinações e subdivisões. Sobre o domínio comercial, vale considerar que as atividades estão concentradas em marketing e vendas, compras, distribuição e serviços de pós-venda, ou seja, o foco é o mercado e suas relações. O domínio técnico relaciona-se com as atividades produtivas, recursos humanos e pesquisa e desenvolvimento. Não menos importante, o domínio financeiro interessa-se pelas atividades que envolvem capital e as relações de integração entre os atores (EIRIZ, 2001).

Essa categorização em domínios se torna fundamental para essa revisão sistemática, pois torna possível determinar os interesses envolvidos nas relações nas pesquisas empíricas que podem ser desenvolvidas futuramente ao descrever os interesses envolvidos em uma aliança estratégica estabelecida entre empresas. Além disso, há várias razões pelas quais redes de empresas se tornam ou não integradas, o motivo provável não está relacionado a não serem organizações competitivas ou ambiciosas, mas porque existe uma necessidade de inovação de processo e produtos mais rapidamente e isso requer uma redução da distância entre concepção e execução de produto/processo, que essas empresas conseguem alcançar mais facilmente

"*Thus the small firm can react more quickly and fruitfully to change in technology and markets*" (PERROW, 1992, p. 459).

O que se percebe é que várias estradas foram abertas cada uma com um direcionamento único que colaborou na compreensão das dimensões de como as organizações surgem, se comportam e se relacionam integradas em redes. Outra questão comumente levantada consiste em desvendar como umas superam as outras, como estabelecem relações cooperadas e competitivas paralelamente, no entanto, poucas interlocuções entre as estradas foram traçadas. Essa revisão sistemática serve como inspiração para levantar quais os aspectos que foram abordados nas investigações sobre o assunto nos últimos anos e verificar os principais avanços no campo de estudos. As dissidências entre os estudiosos com maior ou menor orientação econômica pode ser outro aspecto para verificar os pontos de aproximação e distanciamento dos debates e evidências teóricas e empíricas apresentadas pelos autores em suas investigações.

Vale considerar que os trabalhos aqui apontados refletem pressupostos conceituais que colaboram em delimitar as fronteiras de um trabalho com caráter meta-analítico que se propõe revisar o que têm sido produzido na última década sobre os comportamentos de cooperação e competição nas alianças estratégicas estabelecidas entre empresas.

3 Metodologia de pesquisa

Algumas metodologias de investigação podem acelerar e potencializar avanços em campo de estudos com limitações temporais e espaciais. Esse ensaio teórico almeja realizar uma Revisão de Literatura Meta-Analítica para elucidar os principais avanços no campo de estudos das Alianças Estratégicas e dos relacionamentos de cooperação e competição adotados por empresas nesse contexto. Esse trabalho adere às bases e recomendações do trabalho desenvolvido por Carlson e Ji (2014), que tecem procedimentos que facilitam e conferem confiabilidade e rigor de trabalhos com essas características que se referem principalmente à transparência no processo de levantamento e processamento dos dados.

Além disso, vale considerar que esse trabalho possui uma orientação meta-analítica com caráter bibliométrico descritivo, como também utilizaram-se os dados para realizar uma análise qualitativa e semântica com amparo da análise de conteúdo das principais categorias analíticas desvendadas com a presente investigação.

Sobre o processo de levantamento de dados, esclarece-se que foram procedidas as seguintes etapas consoantes ao conteúdo temático do trabalho, que se refere aos relacionamentos interorganizacionais no âmbito das Alianças Estratégicas, a saber:

i) Foi escolhida a base de dados *Web of Science*, considerando suas características quanto à internacionalização das produções científicas e à sua representatividade na indexação dos periódicos com maior fator de impacto no JCR (*Journal Citation Report*) para o campo de estudos. Destaca-se que um dos critérios de seleção dos artigos consistia no potencial de compartilhamento internacional de conhecimento, dessa forma, as buscas foram realizadas exclusivamente com a coleção principal da Web of Science, considerando que os artigos da base *SciELO* corretamente indexados incorporariam a amostra principal dessa Revisão Sistemática.

ii) Procederam-se as buscas na base de dados no mês de fevereiro de 2016 e delimitou-se como critério de seleção os artigos publicados em periódicos no espaço temporal de 2005 a 2015;

iii) Foram selecionadas, para realização das buscas, as seguintes palavras-chave: Alianças Estratégias em português e *strategic alliance* em inglês. Esclarece-se que para coletar artigos com variações desses termos, foram acrescentados aos radicais das palavras um asterisco que atende à exigência das possíveis variações terminológicas;

iv) Os seguintes refinamentos foram adotados: a) documentos no formato de artigos científicos que passaram pela seleção *Double Blind-View*, b) apenas artigos concentrados nas áreas de Gestão, Negócios e Economia como áreas justificadas sob o domínio intelectual do pesquisador, c) selecionar artigos redigidos em Inglês, Português e Espanhol;

v) Adotou-se como critério selecionar os artigos que apresentavam fator de impacto no JCR nos relatórios da *Web of Science*;

vi) Os resumos foram lidos para verificar se o trabalho se encaixava no enquadre teórico dessa revisão de literatura e foram incluídos na amostra aqueles documentos completos disponibilizados para leitura com a utilização do proxy cedido pelo login universitário;

vii) Construiu-se uma matriz de categorização dos trabalhos com as seguintes categorias: título em Inglês e Português, ano de publicação, autores, proposta do artigos, enquadre empírico/teórico ou teórico, abordagem teórica, metodologia, principais conclusões, implicações e limitações do trabalho, durante inserção dos trabalhos na matriz de categorização, foram excluídos os trabalhos que após a leitura completa não se enquadravam na proposta do artigo.

As etapas de refinamentos podem ser demonstradas no quadro abaixo

Etapas de Seleção de Artigos	Volume de documentos selecionados
i, ii e iii	676 artigos encontrados
iv	227 artigos selecionados
v	32 artigos selecionados
vi e vii	25 artigos selecionados

Quadro1: Processo de refinamento dos artigos.

Com base nesse processo de seleção os artigos foram analisados em duas etapas: descritiva-bibliométrica e semântica. Inicialmente, os meta-dados extraídos até etapa iv deram suporte à análise descritiva e bibliométrica das publicações. Por conseguinte, as etapas v, vi e vii suportaram a análise semântica dessa revisão sistemática.

4.1 Análise Bibliométrica Descritiva

Diante dos meta-dados extraídos dos relatórios da *Web of Science* procedeu-se a análise descritiva quanto aos aspectos demográficos do desenvolvimento do campo de estudos das Alianças Estratégicas.

Em relação a concentração territorial, ou seja, os países que publicaram trabalhos com maior expressividade volumétrica. Destacam-se Estados Unidos, Taiwan, Inglaterra e Holanda que são responsáveis por quase 80% das publicações que versam sobre Alianças Estratégicas. O Brasil figura como 16º colocado no ranking de publicações e representa 1,76% do total de 227 trabalhos encontrados. A seguir é demonstrado na Figura o ranking dos 10 principais países.

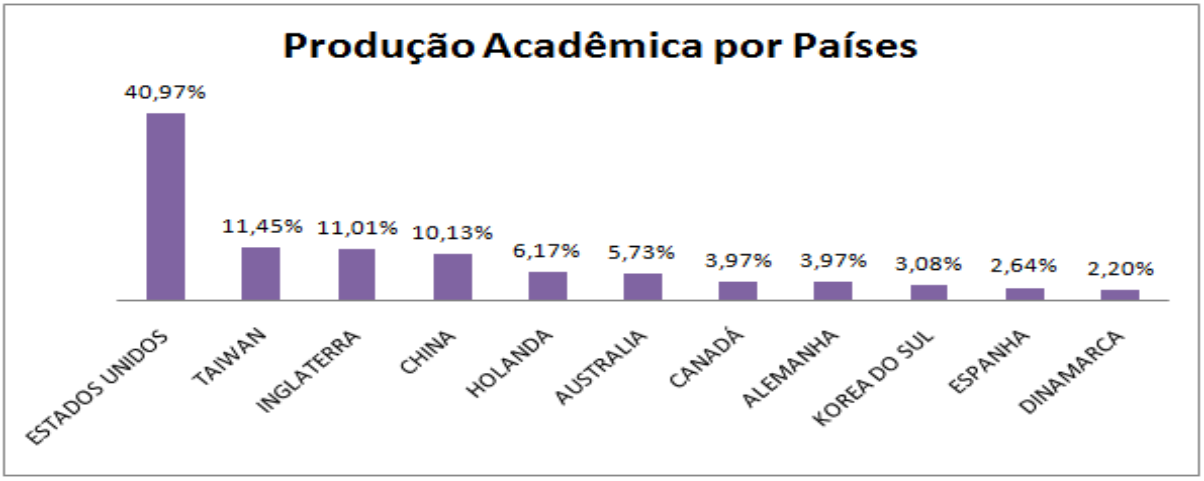

Figura 1: Produção Acadêmica por Países 2006-2016

Os Estados Unidos representa quase 41% das publicações que abordam a temática, isso parece justificável considerando que os principais trabalhos seminais, principais bibliografias e autores de referência sobre temas congêneres como Estratégia e Competitividade são norte-americanos.

Quanto aos principais autores do campo de estudos, percebe-se que não existe concentração ou grupos de estudiosos dominantes. Dessa forma, pode-se afirmar que há pulverização quanto as autorias, aspecto também relacionado ao volume de 227 artigos que integram esse fator de análise.

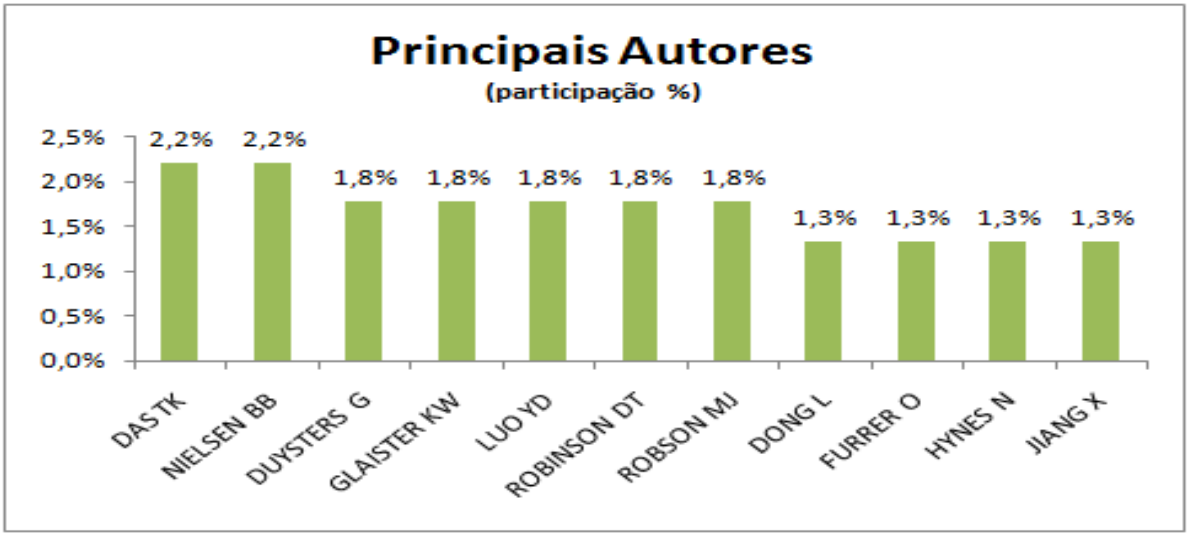

Figura 2: Principais Autores 2006-2016.

Sobre a nacionalidade dos autores mencionados no ranking, percebe-se que a maioria deles se concentra nos Estados Unidos, considerando aqueles que estão radicados e pertencem a instituições de pesquisa norte-americanas. Esse fator relaciona-se também com a pulverização quantos aos principais periódicos que publicam artigos com essa temática, como pode ser observado na Figura 3.

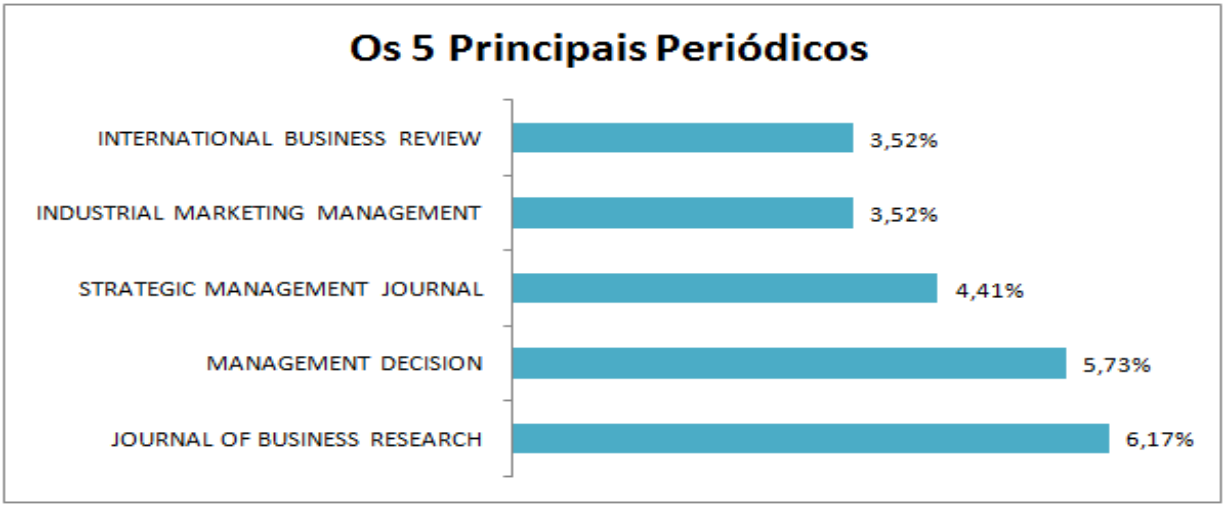

Figura 3: Os Principais Periódicos 2005-2015.

Os periódicos mencionados são em sua maioria norte-americanos e representam 23,34% da produção acadêmica que abarca as Alianças Estratégicas. Destaque para o *Journal of Business Research* que figura com 6,17% das 227 publicações.

Adicionalmente, quanto à distribuição volumétrica ao longo do intervalo dos 10 anos analisados (2005-2015), os anos de 2008 e 2011 foram aqueles que apresentaram volumes mais expressivos de publicação. Por um lado, o ano de 2008 é seguido por uma tendência de crescimento pelo interesse na área de estudos, ou seja, a temática toma corpo nos períodos anteriores. Por outro lado, o ano de 2011 aparece como *outlier* da série histórica com maior volume de publicação, e os períodos precedentes e sucessores não seguem o mesmo comportamento. Isso pode ser observado na Figura abaixo:

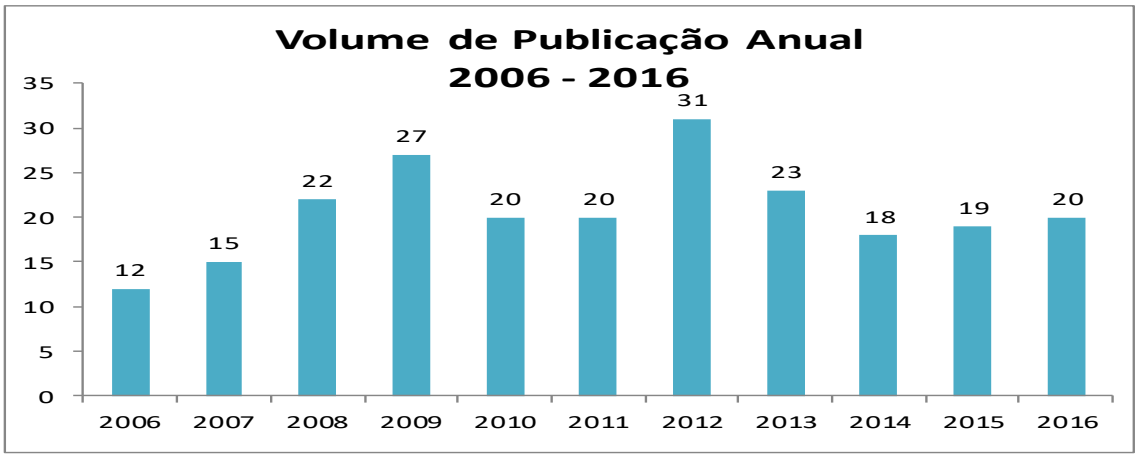

Figura 4: Volume de Publicação Anual 2006-2016

Diante dos resultados apresentados pela análise bibliométrica é possível afirmar que o campo de estudos sobre Alianças Estratégicas é bastante diversificado ao considerar os principais autores de destaque, principais periódicos e a distribuição temporal do volume de publicação. Fator que chama atenção é a concentração expressiva de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores estadunidenses que representam quase 41% desse contingente e posiciona os Estados Unidos em primeiro lugar. Paralelamente, os trabalhos brasileiros se tornam inexpressivos nesse contexto e posicional o Brasil como 16º colocado responsável por percentual inferior a 2% dos trabalhos encontrados.

Os artigos foram apreciados e integrados em função da seleção a partir do Indice Hirsch que representa o volume de publicação dos artigos dos autores mencionados. Considerando o

formato do artigo e o volume de citações, ou seja, se o artigo possui direcionamento teórico ou teórico/empírico, não é possível afirmar que trabalhos unicamente teóricos ou teórico/empíricos possuem maior volume de citação, como pode ser observado no quadro abaixo

Artigos	Média de Citações Anuais	Teórico/ Empírico
Reuer, Jeffrey J, and Africa Arino. "Strategic alliance contracts: Dimensions and determinants of contractual complexity." Strategic Management Journal 28.3 (2007):313-330.	18	Teórico/ Empírico
Kale, Prashant, and Harbir Singh. "Managing Strategic Alliances: What Do We Know Now, and Where Do We Go From Here?." The Academy of Management perspectives 23.3 (2009):45-62.	16	Teórico
Hess, Andrew M, and Frank T Rothaermel. "WHEN ARE ASSETS COMPLEMENTARY? STAR SCIENTISTS, STRATEGIC ALLIANCES, AND INNOVATION IN THE PHARMACEUTICAL INDUSTRY." Strategic Management Journal 32.8 (2011):895-909.	10	Teórico/ Empírico
Koka, Balaji R, and John E Prescott. "Designing alliance networks: The influence of network position, environmental change, and strategy on firm performance." Strategic Management Journal 29.6 (2008):639-661	10	Teórico/ Empírico
Muthusamy, SK, and MA A White. "Learning and knowledge transfer in strategic alliances: A social exchange view." Organization studies 26.3 (2005):415-441.	10	Teórico
Lin, Zhiang J, Haibin Yang, and Irem Demirkan. "The performance consequences of ambidexterity in strategic alliance formations: Empirical investigation and computational theorizing." Management science 53.10 (2007):1645-1658	9	Teórico/ Empírico
Robson, Matthew J, Constantine S Katsikeas, and Daniel C Bello. "Drivers and performance outcomes of trust in international strategic alliances: The role of organizational complexity." Organization science 19.4 (2008):647-665.	9	Teórico/ Empírico
Nielsen, Bo B, and Sabina Nielsen. "Learning and Innovation in International Strategic Alliances: An Empirical Test of the Role of Trust and Tacitness." Journal of management studies 46.6 (2009):1031-1056.	8	Teórico/ Empírico
Shah, Reshma H, and Vanitha Swaminathan. "Factors influencing partner selection in strategic alliances: The moderating role of alliance context." Strategic Management Journal 29.5 (2008):471-494.	8	Teórico/ Empírico
Das, TK. "Strategic alliance temporalities and partner opportunism." British journal of management 17.1 (2006):1-21.	6	Teórico
Robinson, David T, and Toby E Stuart. "Network effects in the governance of strategic alliances." Journal of law, economics, & organization 23.1 (2007):242-273.	6	Teórico/ Empírico
Das, T K, and Noushi Rahman. "Determinants of Partner Opportunism in Strategic Alliances: A Conceptual Framework." Journal of Business and Psychology 25.1 (2010):55-74.	5	Teórico
Holmberg, Stevan R, and Jeffrey L Cummings. "Building Successful Strategic Alliances Strategic Process and Analytical Tool for Selecting Partner Industries and Firms." Long range planning 42.2 (2009):164-193	5	Teórico/ Empírico
Kumar, Sameer, and P Malegeant. "Strategic alliance in a closed-loop supply chain, a case of manufacturer and eco-non-profit organization." Technovation 26.10 (2006):1127-1135.	5	Teórico
Luo, Yadong. "The independent and interactive roles of procedural, distributive, and interactional justice in strategic alliances." Academy of Management journal 50.3 (2007):644-664.	5	Teórico/ Empírico
Schoenmakers, W, and G Duysters. "Learning in strategic technology alliances." Technology analysis & strategic management 18.2 (2006):245-264	5	Teórico/ Empírico
Teng, Bing-Sheng, and T K K Das. "Governance structure choice in strategic alliances - The roles of alliance objectives, alliance management experience, and international partners." Management decision 46.5-6 (2008):725-742.	5	Teórico/ Empírico
Bierly, Paul E, and Scott Gallagher. "Explaining alliance partner selection: Fit, trust and strategic expediency." Long range planning 40.2 (2007):134-153.	4	Teórico
Luo, Yadong. "Procedural fairness and interfirm cooperation in strategic alliances." Strategic Management Journal 29.1 (2008):27-46.	4	Teórico/ Empírico
Nielsen, BB. "The role of knowledge embeddedness in the creation of synergies in strategic alliances." Journal of business research 58.9 (2005):1194-1204.	4	Teórico/ Empírico
Rangan, Subramanian, Ramina Samii, and Luk N Van Wassenhove. "Constructive partnerships: When alliances between private firms and public actors can enable creative strategies." The Academy of Management review 31.3 (2006):738-751.	4	Teórico
Rottman, Joseph W. "Successful knowledge transfer within offshore supplier networks: a case study exploring social capital in strategic alliances." Journal of Information Technology 23.1 (2008):31-43	4	Teórico/ Empírico
Yasuda, H. "Formation of strategic alliances in high-technology industries: comparative study of the resource-based theory and the transaction-cost theory." Technovation 25.7 (2005):763-770	4	Teórico/ Empírico
Dong, Li, and Keith W Glaister. "Motives and partner selection criteria in international strategic alliances: Perspectives of Chinese firms." International business review 15.6 (2006):577-600.	3	Teórico/ Empírico
Judge, WQ, and R Dooley. "Strategic alliance outcomes: A transaction-cost economics perspective." British journal of management 17.1 (2006):23-	3	Teórico/ Empírico
Murray, JY, and M Kotabe. "Performance implications of strategic fit between alliance attributes,and alliance forms." Journal of business research 58.11 (2005):1525-1533.	3	Teórico/ Empírico

Quadro 2: Volume de Citações e Formato do Artigo.

4.2 Análise Semântica Exploratória

A análise semântica considerou o processo de categorização e investigação qualitativa baseada na análise de conteúdo. Foram elencadas categorias com a função de descrever e mapear os principais avanços do campo de estudos das Alianças Estratégicas quanto à proposta

de investigação, abordagem teórica, delineamento metodológico, principais conclusões e implicações dos trabalhos. A seguir são discutidas essas categorias.

4.2.1 Proposta de Investigação dos Artigos

A maioria dos artigos consultados se propõe a descrever o ambiente de desenvolvimento das Alianças Estratégicas, em outras palavras ressaltam aspectos constitutivos dessas relações.

Por um lado, os trabalhos de Nilsen (2005) Nilsen & Nilsen (2009), Das (2006), Luo (2007), Koka & Prescott (2008), Shah (2008) e Das (2010) intencionaram desenvolver e testar modelos analíticos sobre o processo de constituição e gestão das alianças estratégicas. Por outro lado os trabalhos de Murray & Kotabe (2005), Judge & Dooley (2006) Teng & Das (2008), Holmberg & Cummings (2009), Kale & Singh (2009) e Hess & Rithaermel (2011) são trabalhos com teor mais descritivo que analisam a realidade de determinadas organizações e realizam tessituras sobre as características e peculiaridades de cada Aliança Estratégica. Como um todo pode-se afirma que os artigos embora tenham orientações mais prescritiva e/ou descritivas tem a mesma finalidade de compreender as relações e o desempenho das alianças Estratégicas.

4.2.2 Abordagem Teórica

Os artigos abordados geralmente compreendem que as alianças estratégicas são definidas como relações interorganizacionais de cooperação entre duas ou mais empresas com fundamentos estratégico baseadas em laços de confiança constituídos em longo prazo de tempo, assim como assevera Eiriz (2011).

As categorias mais representativas que emergiram na análise qualitativa quanto à abordagem teórica dos artigos tratavam de assuntos relacionados à Teoria dos Custos de Transação, Gestão do Conhecimento e Aprendizagem Organizacional, Estruturas de Confiança nos Relacionamentos e o Processo de Seleção de Parceiros Estratégicos, como pode ser observado no quadro abaixo.

Abordagens Teóricas	Autores
Teoria dos Custos de Transação	• Yasuda (2005); • Rangan, Samii & Luk Wassenhove (2006); • Judge& Dooley (2006); • Das (2006); • Reuer & Arino (2007); • Das & Rahman (2010).
Gestão do Conhecimento e Aprendizagem Organizacional	• Nilsen (2005); • Nilsen & Nilsen (2009); • Hess & Rithaermel (2011).
Estruturas de Confiança nos Relacionamentos	• Murray & Kotabe (2005); • Robinson & Stuart (2006) • Luo (2007); • Bierly & Gallagher (2007); • Koka & Prescott (2008); • Robson,. Katsikeas; & Bello (2008); • Lou (2008); • Kale & Singh (2009).
Processo de Seleção de Parceiros Estratégicos	• Dong &Glaister (2006); • Shah & Swaminathan (2008); • Holmberg & Cummings (2009).

Quadro 3: Principais Categorias Teóricas 2005-2015.

Outros assuntos com menor freqüência também figuram nessa análise como, por exemplo, Habilidade Ambidestras das Empresas (LIN, YANG & DEMIRKAN, 2007) , Gestão Ambiental e Engenharia Reversa (KUMAR &MALEGEANT, 2006) e Capital Social nas Redes Estratégicas Interorganizacionais (ROTTMAN, 2007).

4.2.3 Delineamento Metodológico

Quanto ao delineamento metodológico dos artigos, percebeu-se destaque de investigações com natureza quantitativa com maior frequência, ou seja, poucos trabalhos com abordagens qualitativas. Percebe-se também a utilização de técnicas estatísticas descritivas associadas às análise multivariadas.

Artigo	Natureza Metodológica	Natureza dos Dados	Técnica de Análise de Dados
Das (2006);	Qualitativa	N/A	Ensaio Teórico
Kumar & Malegeant (2006);			
Rangan, Samii & Luk Wassenhove (2006);			
Bierly & Gallagher (2007);			
Rottman (2007);			
Kale & Singh (2009);			
Das & Rahman (2010);			
Lin, Yang & Demirkan (2007);			Simulação Computacional
Yasuda (2005);		Primária	Análise de Correlação
Holmberg & Cummings (2009).		Secundária	Revisão de Literatura
Dong &Glaister (2006);	Quantitativa	Primária	Análise Fatorial
Shah & Swaminathan (2008);			Estatística Descritiva
Hess & Rithaermel (2011).		Secundária	Análise de Regressão
Judge& Dooley (2006);			Análise Fatorial
Reuer & Arino (2007);			
Murray & Kotabe (2005);			Correlação e Regressão
Nilsen (2005);			Equações Estruturais
Robson,. Katsikeas; & Bello (2008);			Estatística Descritiva
Luo (2007);			
Nilsen & Nilsen (2009);			Estatística Descritiva e Análise de Correlação
Schoenmakers & Duysters (2006)			Estatística Descritiva e Análise de Regressão
Lou (2008);			Estatística Descritiva e Análise Fatorial
Koka & Prescott (2008);			Estátística Descritiva, Análise de Correlação e Sociometria
Teng & Das (2008);			Análise de Regressão Logística
Robinson &. Stuart (2006);			Análise Sociométrica e Estatística Descritiva

Quadro 4: Descrição do Delineamento Metodológico dos artigos

Percebe-se que há maioria de trabalhos com natureza quantitativa, mas essa diferença é leve, como pode ser observado. Sobre os trabalhos qualitativos, pode-se afirmar que em sua maioria são ensaios teóricos sobre os temas abordados na categoria anterior. Em relação aos trabalhos quantitativos, geralmente utilizam com maior freqüência dados secundários e as técnicas de análise mais comuns são estatísticas descritivas e algumas técnica de análise multivariada como, por exemplo, análises de regressão e análise fatorial, destaque para apenas um trabalho que utiliza a técnica de equações estruturais, considerada mais sofisticada.

4.2.4 Implicações e Limitações dos artigos

Diante da diversidade teórica, metodológica e direção das propostas de trabalho, assevera-se a multiplicidade de implicações teóricas e práticas, como também a variedade de implicações acadêmicas e mercadológicas das investigações contidas nos artigos. Assume-se aqui a impossibilidade de destacar detalhadamente os impactos das implicações, limitações e considerações realizadas pelos autores, considerando principalmente insuficiência de espaço para discutir individualmente as reflexões apresentadas nos trabalhos. De forma solta, é possível dizer que essas reflexões geralmente se direcionam a referendar aspectos sobre a estrutura, o surgimento, a gestão, as relações de confianças, a seleção de parceiros e o desempenho das Alianças Estratégicas.

Contudo, alguns apontamentos precisam ser destacados com a finalidade de descrever como estão sendo procedidos os principais avanços no campo teórico e prático das Alianças Estratégicas;

5. Considerações finais

O desenvolvimento científico é um processo de aperfeiçoamento contínuo que permite criar novas interpretações da realidade e/ou ainda gerar novas perspectivas sobre o sentido do saber para determinadas áreas do conhecimento. Entretanto, a dinamicidade na geração de saberes pode ser comprometida por vários aspectos, como comentado anteriormente, por fatores geográficos e temporais. Acredita-se que artigos com abordagens baseadas em revisões sistemáticas de literatura podem contribuir sobremaneira para o desafio mencionado. Dessa forma, acredita-se que o presente trabalho contribui nesse sentido. Considera-se também que as implicações de uma Revisão Sistemática de Literatura produzem efeitos para além dos aspectos acadêmicos e teóricos, em outras palavras, essas implicações são práticas e mercadológicas.

Sinaliza-se que os aspectos quanto ao mapeamento do campo de estudos é bastante diversificado, isso pode ser confirmado tanto pela análise descritiva bibliométrica que corrobora pulverização quanto às autorias, à distribuição volumétrica no espaço temporal e aos principais periódicos que se interessam e publicam esses trabalhos. Sobre a análise descritiva, vale ressaltar que há concentração das publicações em territórios estadunidenses, eles representam quase 41% desse quantitativo. Adicionalmente, o Brasil figura com apenas 1,7% das publicações e está ranqueado em 16º lugar, aspecto que merece maior atenção em estudos futuros, quanto à representatividade dos autores nacionais no contexto internacional.

Complementarmente, a análise semântica oferece percepções quanto a possíveis consensos sobre aspectos teóricos que se referem às Alianças Estratégicas, ou seja, as categorias teóricas não apresentam no seu interior divergências entre os autores. Por um lado, isso pode ser considerado como um avanço que consolidou o campo de estudos que proporciona reflexões mais profundas e complementares sobre outros aspectos, por outro lado, o consenso pode torná-lo estático e pouco atrativo.

Ainda sobre a análise semântica, percebe-se que há equilíbrio entre as abordagens qualitativas e quantitativas e que os dados utilizados em estudos empíricos são obtidos em sua maioria em fontes secundárias. Entretanto, as técnicas de processamento e análise dos dados são diversificadas e razoavelmente simples, apenas um trabalho utiliza ferramenta analítica mais sofisticada, como exemplo as equações estruturais. Sobre as implicações acadêmicas dos trabalhos, dada a multiplicidade de abordagens, tornou-se impossível realizar endereçamentos mais específicos.

Ressalta-se para futuros estudos torna-se interessante compreender quais as relações estabelecidas com o volume de citação de trabalhos acadêmicas com aspectos demográficos e semânticos contidos nesses trabalhos, ou seja, quais são as possíveis características que tornam um artigo científico atrativo na comunidade acadêmica e eleva-o ao ranking das estatísticas do JRC. Esse apontamento pode ser indicado como uma das limitações desse trabalho. Outra limitação consiste em não terem sido averiguados os principais avanços e mapeamento do campo de estudos das Alianças Estratégicas no contexto nacional. Recomenda-se verificar com um arcabouço de critérios as principais produções brasileiras na área, dada a impossibilidade de utilizar os mesmo critérios elencados nas buscas da base Web of Science.

Esse trabalho contribui em mapear e descrever aspectos relevantes sobre o campo de estudos das Alianças Estratégicas, entretanto, dada a dinamicidade do aperfeiçoamento teórico ao longo dos próximos anos, esse artigo consiste em um convite provocante para que outros pesquisadores realizem novos debates sobre a temática, intenciona-se abrir o debate e não fechá-lo.

REFERÊNCIAS

AHUJA, G.; SODA, G.; ZAHEER, A. The genesis and dynamics of organizational networks. **Organization Science,** Providence, v. 23, n. 2, p. 434-448, Mar./Apr. 2012.

BARNEY, J. B.; HESTERLY, W. Economia das organizações: entendendo a relação entre as organizações e a análise econômica. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Ed.). **Handbook de estudos organizacionais:** volume 3. São Paulo: Atlas, 2004. p. 131-185.

BIERLY, Paul E.; GALLAGHER,Scott. Explaining alliance partner selection: Fit, trust and strategic expediency. **Long range planning**. 40.2 (2007):134-153.

BRITTO, J. Cooperação interindustrial e redes de empresas. In: KUPFER, D.; HASENCLEVER, L. (Org.). **Economia industrial**: fundamentos teóricos e práticas no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 2002. Cap. 15, p. 345-388.

BURT, R. S. The social structure of competition. In: NOHRIA, N.; ECCLES, R. G. **Networks and organizations**: structure, form, and action. Boston: Harvard Business School Press, 1992.

CARLSON, Kevin D.; JI, Fiona Xiaoying. Citing and Building on Meta-Analytic Findings: A Review and Recommendations. **Organizational Research Methods**. v.14, n.4, p. 696-717, Oct. 2014.

DAS, TK. Strategic alliance temporalities and partner opportunism**. British journal of management** 17.1 (2006):1-21.

DAS, T K; RAHMAN, Noushi Determinants of Partner Opportunism in Strategic Alliances: A Conceptual Framework. **Journal of Business and Psychology** 25.1 (2010):55-74.

DONG, Li; GLAISTER, Keith W. Motives and partner selection criteria in international strategic alliances: Perspectives of Chinese firms. **International business review** 15.6 (2006):577-600.

EIRIZ, V. Proposta de tipologia sobre alianças estratégicas. **Revista de Administração Contemporânea,** Curitiba, v. 5, n. 2, p. 65-90, maio/ago. 2001.

GHOSH, M; JOHN G. Strategic fit in industrial alliances: An empirical test of governance value analysis. **Journal of marketing research**. 42.3 (2005):346-357.

GRANDORI, A.; SODA, G. Inter-firm networks: antecedents, mechanisms and forms. **Organization Studies**, Berlin, v. 16, n. 2, p.1-19, 1995.

GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology,** Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, May 1973.

HATCH, M. J. **Organization theory**: modern, symbolic and postmodern perspectives. Oxford: Oxford Univesity Press, 1997.

HESS, Andrew M; ROTHAERMEL, Frank T. When are assets complementary? Star scientists, strategic alliances, and innovation in the pharmaceutical industry. **Strategic Management Journal** 32.8 (2011):895-909.

HOFFMANN, Werner H. Strategies for managing a portfolio of alliances. **Strategic Management Journal.** 28.8 (2007):827-856.

HOLMBERG, Stevan R, CUMMINGS Jeffrey L. Building Successful Strategic Alliances Strategic Process and Analytical Tool for Selecting Partner Industries and Firms. **Long range planning** 42.2 (2009):164-193

HOON, Christina. Meta-Synthesis of Qualitative Case Studies: An Approach to Theory Building. **Organizational Research Methods**, v. 16, n. 4, p. 522-556, Apr. 2013.

JUDGE, WQ; DOOLEY. R. Strategic alliance outcomes: A transaction-cost economics perspective. **British journal of management** 17.1 (2006)

KALE, Prashant; SINGH, Harbir. Managing Strategic Alliances: What Do We Know Now, and Where Do We Go From Here?. **The Academy of Management perspectives** 23.3 (2009):45-62.

KOKA, Balaji R; PRESCOTT, John E. Designing alliance networks: The influence of network position, environmental change, and strategy on firm performance. **Strategic Management Journal** 29.6 (2008):639-661

KUMAR, Sameer, MALEGEANT, P. Strategic alliance in a closed-loop supply chain, a case of manufacturer and eco-non-profit organization. **Technovation.** 26.10 (2006):1127-1135.

LACOSTE, S. "Vertical coopetition": the key account perspective. **Industrial Marketing Management**, New York, v. 41, n. 4, p. 649-658, May 2012.

LIN, Zhiang J, YANG, Haibin; DEMIRKAN, Irem. The performance consequences of ambidexterity in strategic alliance formations: Empirical investigation and computational theorizing. **Management science** 53.10 (2007):1645-1658

LUO, Yadong. The independent and interactive roles of procedural, distributive, and interactional justice in strategic alliances. **Academy of Management journal** 50.3 (2007):644-664.

LUO, Yadong. Procedural fairness and interfirm cooperation in strategic alliances. **Strategic Management Journal** 29.1 (2008):27-46.

LUO, Yadong. Structuring interorganizational cooperation: The role of economic integration in strategic alliances. **Strategic Management Journal** 29.6 (2008):617-637.

MURRAY, JY; KOTABE M. Performance implications of strategic fit between alliance attributes,and alliance forms. **Journal of business research** 58.11 (2005):1525-1533.

NIELSEN, BB. The role of knowledge embeddedness in the creation of synergies in strategic alliances. **Journal of business research** 58.9 (2005):1194-1204.

NIELSEN, Bo B; NIELSEN, Sabina. Learning and Innovation in International Strategic Alliances: An Empirical Test of the Role of Trust and Tacitness. **Journal of management studies** 46.6 (2009):1031-1056.

NOHRIA, N. Is a network perspective a useful way of studying organizations? In: NOHRIA, N.; ECCLES, R. G. **Networks and organizations**: structure, form, and action. Boston: Harvard Business School Press, 1992. p. 1-22.

NORDIN, F. Identifying intraorganisational and interorganisational alliance conflicts: a longitudinal study of an alliance pilot project in the high technology industry. **Industrial Marketing Management**, New York, v. 35, n. 2, p. 116-127, Feb. 2006.

PEREZ, A. M.; MARTINEZ, M. G. The agri-food cooperative netchain: a theoretical framework to study its configuration. In: EAAE SEMINAR "TRUST AND RISK IN BUSINESS NETWORKS", 99., 2006, Bonn. **Proceedings ...** Bonn: EAAE, 2006.

PERROW, C. Small-firm networks. In: NOHRIA, N.; ECCLES, R. G. **Networks and organizations**: structure, form, and action. Boston: Harvard Business School Press, 1992. p. 445-470.

POWELL, W. W. Neither market nor hierarchy: network forms of organization. **Research in Organizational Behavior**, New York, v. 12, p. 295-336, 1990.

RANGAN, Subramanian; SAMII, Ramina; WASSENHOVE Luk N Van. Constructive partnerships: When alliances between private firms and public actors can enable creative strategies. **The Academy of Management review** 31.3 (2006):738-751.

REUER, Jeffrey J; ARINO, Africa. Strategic alliance contracts: Dimensions and determinants of contractual complexity. **Strategic Management Journal** 28.3 (2007):313-330.

ROBINSON, David T; STUART, Toby E. Network effects in the governance of strategic alliances. **Journal of law, economics, & organization** 23.1 (2007):242-273.

ROBSON, Matthew J; KATSIKEAS, Constantine S; BELLO Daniel C. Drivers and performance outcomes of trust in international strategic alliances: The role of organizational complexity. **Organization science** 19.4 (2008):647-665.

SHAH, Reshma H; SWAMINATHAN, Vanitha. Factors influencing partner selection in strategic alliances: The moderating role of alliance context. **Strategic Management Journal** 29.5 (2008):471-494.

SCHOENMAKERS, W.; DUYSTERS G. Learning in strategic technology alliances. **Technology analysis & strategic management** 18.2 (2006):245-264

TENG, Bing-Sheng; DAS, T K. Governance structure choice in strategic alliances - The roles of alliance objectives, alliance management experience, and international partners**.** **Management decision** 46.5-6 (2008):725-742.

YASUDA, H. Formation of strategic alliances in high-technology industries: comparative study of the resource-based theory and the transaction-cost theory. **Technovation** 25.7 (2005):763-770

WONG, A, D Tjosvold, and PZ Z Zhang. "Developing relationships in strategic alliances: Commitment to quality and cooperative interdependence." **Industrial marketing management** 34.7 (2005):722-731.